

Pedagogia

Indícios interpretativos do pensamento jornalístico de Cecília Meireles (1930/1933): um percurso hermenêutico

FERREIRA, Rosângela Veiga Júlio*
Regina Lúcia Meirelles**

RESUMO

A perspectiva teórico-metodológica pautada na concepção da fenomenologia-hermenêutica vista sob o olhar do hermenêuta francês Paul Ricoeur mostrou-se como possibilidade de entender o humano como um ser de historicidade. Este texto visa pensar esse arcabouço metodológico como possibilidade de interpretação de fontes históricas através da análise dos indícios deixados pela jornalista e educadora Cecília Meireles em suas produções escritas publicadas no Diário de Notícias do Rio de Janeiro, na Página de Educação. Além de dirigir essa Página, Cecília apresenta na coluna Comentários discussões sobre educação, infância, família, política entre outros. A interpretação da obra cunhada nesse espaço jornalístico atribui sentidos para o processo de compreensão de um tempo outro, ultrapassando as barreiras cronológicas de sua produção. Diante da interpretação do corpus discursivo, podemos afirmar que Cecília acredita ser um elemento fundamental do movimento de renovação educacional pensar um lugar para a criança nos debates educacionais de 1930.

Palavras-chave: Cecília. Infância. Hermenêutica

*Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora CES/JF e Coordenadora de um projeto de Iniciação Científica na área da Pedagogia desta mesma instituição, pesquisadora do grupo de pesquisa do NESCE – História da Educação – da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Juiz de Fora.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora substituta do Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora

ABSTRACT

The theoretical and methodologic perspective based on the phenomenology-hermeneutic conceptions from the french hermeneutic Paul Ricoeur ideas shows itself like a possibility to understand the human as a being that constitutes himself from his own historicity. This text intends to think this methodology while historic sources' possibility interpretation through the analysis of the clues left by journalist and educator Cecília Meireles in her writing productions published in the *Diário de Notícias* of the Rio de Janeiro, in the *Página de Educação*. She also presents, in the column *Comentários*, discussions about education, childhood, family and politics . The work's interpretation minted in this journalistic space can give a lot of meanings to the comprehension process of the other time, overstepped cronologic obstacles. In front of the corpus discursivo interpretation, we can claim that Cecília believes that to think a special place to the child in the 30's educational discussions is fundamental to the renewal educational movements.

Keywords: Cecília. Childhood. Hermeneutic

1 INDÍCIOS INTERPRETATIVOS DO PENSAMENTO JORNALÍSTICO DE CECÍLIA MEIRELES (1930/1933): UM PERCURSO HERMENÊUTICO

"A obra de arte desnuda propriedades da linguagem que, de outro modo, permaneceriam invisíveis e inexploradas."

Paul Ricoeur

Nascida das experiências acadêmicas vivenciadas no percurso do mestrado em Educação, a ideia desse trabalho surgiu do compartilhamento de questionamentos acerca da eficácia de práticas metodológicas convencionais e amplamente discutidas nos cursos de licenciatura, em especial nas disciplinas pedagógicas. Perpassadas por fundamentos de caráter positivista ou maniqueísta, tais metodologias são cerceadores de possibilidades no trato do humano não porque o percebem apenas de uma forma possível. O que as torna limitadoras é o posicionamento de que para serem válidas em suas perspectivas devam ser as únicas consideradas verdadeiras. Somente elas fundamentariam corretamente e adequadamente o discurso sobre o humano, impossibilitando, assim, uma outra base fomentadora discursiva, além de um possível diálogo entre as várias metodologias disponíveis.

Buscando um espaço metodológico que fundamente um jogo interpretativo, lançamos mão aqui da fenomenologia-hermenêutica. Dentro dessa ambiência, há espaço para um jogo mais complexo no qual os diversos discursos sobre o humano são levados em conta, visando alcançar uma interpretação mais rica a partir da qual as próprias subjetividades e vivências do pesquisador façam parte do processo interpretativo.

O objetivo principal desse trabalho, portanto, é de apresentar a reflexão de caráter fenomenológico-hermenêutico enquanto uma disposição metodológica capaz de propiciar o desenvolvimento de uma pesquisa efetivada em trabalhos bibliográficos e de campo, bem como divulgar as possibilidades interpretativas resultantes de tal procedimento. Em outras palavras, trata-se da percepção de como a vivência de experiências que reconhecemos como devedoras do nosso olhar pode se estruturar na forma de textos escritos e servir de base para a sustentação de uma pesquisa acadêmica.

Assim, nos foi possível a elaboração de tal trabalho no qual pretendemos,

por tal via, analisar as possibilidades interpretativas da figura de Cecília Meirelles, abrangendo seus vários campos de intervenção, principalmente o pedagógico, o literário e o político.

Para atingirmos nossa meta, estabelecemos dois momentos distintos como fio condutor do trabalho. No primeiro, buscamos aclarar o entendimento acerca da metodologia aqui defendida, visando a divulgação e explanação de nosso método de ação investigativa. No segundo, colocar tal metodologia em jogo com a análise dos indícios deixados por Cecília Meireles ao atuar como jornalista, defendendo um espaço para a criança nos debates educacionais da década de 1930.

2 COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS

A fenomenologia-hermenêutica vista sob o olhar do hermeneuta francês Paul Ricoeur mostra-se enquanto um percurso interpretativo que pretende entender o humano a partir de sua condição de ser lançado no mundo, carregado de uma historicidade já que tem como possibilidade mais própria o “ser para a morte” constituído ética, política, religiosa e esteticamente pela efetivação de valores e significados comuns à comunidade em que se percebe inserido.

Ele caracteriza sua tradição filosófica por três vertentes: a filosofia reflexiva enquanto um retorno a si mesmo, que entende a compreensão de si como sujeito das operações do conhecimento; a fenomenologia husserliana, principalmente na questão da intencionalidade e, de acordo com suas próprias palavras, a que “[...] deseja ser uma variante hermenêutica dessa fenomenologia”. (RICOEUR, 1989, p. 36)

Para melhor entendimento de suas inferências, necessário se faz o esclarecimento daqueles com quem compartilha suspeitas e elabora questionamentos: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty.

Começaremos, então, por Edmund Husserl (1859 - 1938) que, na obra **A Ideia da Fenomenologia** (HUSSERL, 1986) propõe uma análise da existência humana a partir do fenômeno ou dado imediato, da coisa que aparece diante da consciência, aqui entendida como intuição originária e imediata do mundo vivido manifesto no experienciar humano. Tomamos consciência não apenas ao nos apropriarmos do sentido já posto de algo, mas, sobretudo ao ter necessidade

de algo, do mundo, do outro, do meio social como condição para a conservação vital. A partir dessa proposta, justo se faz dizer que caberia à subjetividade humana, então, conhecer e descrever o mundo das puras essências contidas nos fenômenos. Para tanto, seria necessário prescindir de todos os elementos referentes ao sujeito psicológico, à existência individual e à subjetividade empírica, procedimento chamado por Husserl nessa obra de redução fenomenológica.

O que pretende a sua fenomenologia é compreender o homem e o mundo a partir de sua facticidade, da concretude de estar no mundo com as coisas mesmas. O viver cotidiano é visto como um acontecimento fenomenológico; é constitutivo do humano, é a atestação da sua presença com e no mundo.

Pela ótica fenomenológica, portanto, o homem é consciência de mundo e esse é o próprio ato de doação de um sentido a esse mundo. E é pelo sentido que doa ao mundo que o homem pode reconhecer-se enquanto homem. Entretanto, a própria complexidade de aspectos do mundo e a complexidade estrutural do ser humano fazem com que a unidade da consciência não seja simples e acabada, mas uma conquista gradual que se realiza através dos planos diversos de intenção e expressão. Ambos são momentos dialéticos conjugados, cuja síntese dinâmica é a própria consciência de si e do objeto.

Ao incorporar à nossa vida cotidiana a existência como um todo, a vivência do termo mundo-da-vida, a prática acadêmica também por ele se deixa afetar. Tal entendimento nos permite apostar num ser humano que não se coloque à margem da comunidade onde de fato está inserido. Mostra-nos, ainda, que não podemos vivenciar isoladamente apenas os instantes passados dentro de um determinado espaço ou a partir da atuação em um determinado campo social, mas perceber que ali estão de passagem pessoas com histórias próprias que fazem delas o que são e não há como serem colocadas em suspensão, como serem compartimentadas.

Assistente de Husserl e posteriormente seu substituto na universidade, o filósofo alemão Martin Heidegger (1889 - 1976), na obra **Ser e Tempo** (HEIDEGGER, 2002), desenvolve sua proposta filosófica enquanto uma analítica existencial que pretende se debruçar sobre a questão do Ser.

O que se busca na reflexão heideggeriana é investigar as estruturas que possibilitam a questão do Ser e não dar uma resposta definitiva, pronta, determinada, ou seja, estabelecer conceitos. Ele privilegia o caminho de uma lógica hermenêutica em que se percebe aquele que compreende, o que é compreendido e as condições de compreensibilidade, especialmente as existenciais. Isto torna

possível ao homem se relacionar com os seus semelhantes e com os outros entes intramundanos. Só podemos exercer a compreensão de algo se, de alguma forma, temos uma pré-compreensão desse algo efetivado pelo fato de já estarmos no mundo, imbricados com ele.

Em nossa trajetória, quando do desvelamento dessas ideias, aclarou-se uma intuição há muito percebida: a de que entre seres humanos, entes capazes de significações constituídas historicamente, existem similitudes e diferenças efetivadas no mundo, possibilitadas pela pré-compreensão constitutiva do humano, por uma relação de pertença ontológica que nos permite reconhecer, a mim e ao outro, em um mesmo solo em comum.

Estar no mundo é estar em relação com o mundo e é tal conjunto de relações que constitui o ser-no-mundo e deve ser entendido como unicidade; são momentos estruturais de uma constituição una. Toda compreensão de mundo já pressupõe uma compreensão do *dasein* porque esse se faz junto ao mundo.

O próprio conhecimento, ou seja, a capacidade que o homem tem de conhecer, de atribuir significados é também constitutivo do *dasein* e se funda na sua relação com este já ser junto a que antes de ser cognoscitiva, é cuidar de, é o se dar a. O cuidar heideggeriano é o modo como o *dasein* se relaciona com os outros entes intramundanos, com as manualidades, isto é, um certo modo de estar em afetabilidade com o mundo.

Introduzindo a questão da corporeidade como índice da consciência ou da subjetividade humana, Merleau-Ponty (1908 - 1961), leitor de Husserl e de Heidegger, contemporâneo de Ricoeur, na obra **Fenomenologia da Percepção** (PONTY, 1999) descreve a função do corpo-próprio enquanto exercício da subjetividade como exterioridade comportamental. É ele que determina a forma concreta das relações interpessoais e, mais amplamente, da presença do homem no mundo.

Em seu intuito de mostrar a unidade fundamental sujeito-mundo-corpo-próprio, corporeidade, Ponty (1999) considera que nosso corpo, enquanto sensível, está sempre implicado em nossas relações com o mundo, que ambos são feitos do "mesmo estofa". Isso quer dizer que o mundo é muito mais que um objeto. Ele é um ser do qual um corpo sensível faz parte, mas sem fusão ou coincidência. Há, antes, uma espécie de imbricamento de um no outro. No nível da vida perceptiva de nosso corpo, a certeza da presença do mundo é-nos oferecida de modo irrefutável, mas fora dos modos do pensamento subjetivo e da ciência, o que torna pertinente afirmar que se trata de uma fé no mundo e não

de um saber sobre o mundo.

Sua concepção de corpo-sujeito - corpo-próprio - quer afirmar a unidade vivida, o corpo-consciência. O corpo é o campo expressivo do sujeito ou o lugar primeiro onde o sujeito realiza sua própria existência.

Sobre a proposta husserliana de fenomenologia, Ricoeur (1989) a considera não apenas enquanto um método descritivo das articulações fundamentais da experiência, mas reconhece que se fosse possível a prática de tal método, chegar-se-ia ao princípio último da autofundação de um homem puro, conquistado pela redução - epoché¹ - colocando entre parêntesis toda a problemática das coisas em si para atingir o campo privilegiado da experiência, o lugar da intuitividade.

No entender de Ricoeur (1989), a fenomenologia husserliana, apesar de ter intuído o caráter universal da intencionalidade, a de que a consciência tem seu sentido fora de si mesma, não deu um passo além, não percebeu que, mesmo sem a pretensão da pureza alcançada pelo viés da redução, é legítimo o procedimento por ela descrito, o de que o homem só pode dizer de si e de seu mundo a partir das próprias vivências e não por um conhecimento dado a priori.

No que concerne à proposta de uma analítica existencial, a hermenêutica ricoeuriana traz para o ponto central de sua reflexão a questão do mundo-da-vida fenomenológico. (HEIDEGGER, 2002).

A hermenêutica faz uma leitura dessa pertença ontológica como a condição de possibilidade necessária para que o homem oponha a si mesmo a constituição de objetos e do conhecimento. A relação sujeito-objeto tem seu lugar em um solo ontológico primordial que antecede qualquer relação de conhecimento e mais, é mesmo a sua condição de possibilidade. A problemática da objetividade pressupõe antes dela uma relação de inclusão que engloba o sujeito pretensamente autônomo e o objeto pretensamente adverso. Ricoeur chama esta relação inclusiva de pertença.

Para Ricoeur (1989), na hermenêutica estabelece-se, assim, uma relação triádica entre o que compreende, o que é compreendido e as condições de compreensibilidade. Os movimentos de subjetivação e objetivação se entrecruzam

¹Epoché - Com Husserl e a filosofia fenomenológica em geral, epoché tem o sentido de contemplação desinteressada, ou seja, uma atitude desvinculada de qualquer interesse natural ou psicológico na existência das coisas do mundo ou do próprio mundo na sua totalidade. A epoché fenomenológica distingue nitidamente a filosofia de todas as outras ciências que estão interessadas na existência do mundo e dos objetos nele compreendidos; por isso, faz do filosofar uma atitude puramente contemplativa, à qual pode revelar-se, em sua ingenuidade, a própria essência das coisas. (ABBAGNANO, 2000, p. 339).

e se complementam, são contemporâneos. A percepção que brota da experiência com o outro ressoa em mim e esse ressoar me permite reconhecê-lo e a mim mesmo. É por estar nessa referência, nesse solo ontológico que podemos, em um primeiro momento, tomar distância daquilo que queremos compreender/interpretar e, nesse distanciamento, permitir o ressoar do que é compreendido para, em um segundo momento, reconhecer-nos como diferente dele, como outro. É o que propõe a circularidade hermenêutica. Compreender, então, não é um modo de conhecer, mas a maneira de ser e de se ligar aos seres e ao Ser.

Ao entender a primazia do ser-no-mundo em relação a outros projetos de fundação da subjetividade humana, Ricoeur nos fala de sua proposta filosófica; “[...] não há compreensão de si que não seja mediatizada por signos, símbolos e textos escritos; a compreensão de si coincide, em última análise, com a interpretação aplicada a estes termos mediadores”. (RICOEUR, 1989, p. 40)

Diante da sua proposta de uma hermenêutica, algumas questões se abrem: o que entendemos por texto? O registro escrito de um acontecimento, um fato, uma experiência? Ou o conjunto de significações que abarca o gestual, a intencionalidade do nosso dizer, a tonalidade afetiva – afetação - que emprestamos a ele? Fenomenologicamente falando, todas as situações descritas podem ser consideradas como texto específico, próprio. Entretanto, ricoeurianamente falando, o texto é a forma como o homem utiliza a linguagem para dizer de si e do outro, para compreender/interpretar-se enquanto ser-no-mundo. Mesmo percebendo o diálogo como uma forma textual mais imediata, ele reconhece no texto escrito uma amplitude maior de possibilidades de atribuir significados. Não se usam as palavras para dizer do mundo, mas para habitá-lo, pertencê-lo.

Ricoeur (1997) reconhece no campo narrativo o lugar onde melhor se estrutura o jogo entre linguagem e mundo. Esse jogo nos é colocado pela dupla vertente do signo, da palavra: o poder de dizer sobre algo - impondo limites - e o de ultrapassar seu próprio dizer enquanto possibilidades referenciais estabelecendo proximidades inéditas - a metáfora permite a coexistência de vários níveis de significação numa mesma expressão. O texto nos permite descobrir aspectos da linguagem que a prática usual e a sua função instrumentalizada dissimulam. Nesse jogo, o sentido de um texto não está nele próprio, mas na compreensão/interpretação de quem com ele interage. O sentido que posso apreender do texto ressoa em nós para que possamos dizer-nos, dizendo-o, para que possamos compreender-nos, compreendendo-o.

O discurso de Ricoeur (1991) pretende, assim, desaguar em uma ontologia

da subjetividade e nos encaminha para uma interpretação da subjetividade vista pela perspectiva da ação, da vida prática, do narrativo, do estético e do ético. Trata-se da primazia do ato de ser, de existir sobre o ato de pensar. Seu modo de filosofar reconhece a impossibilidade de uma abordagem direta ao Ser já que a transparência e imediatez do sujeito a ele mesmo, como ser-no-mundo, jamais lhe serão possíveis, justamente porque ser-no-mundo. Daí o desvio necessário através da interpretação dos modos desse ente que participa do Ser operar no mundo.

Portanto, a compreensão ontológica do homem depende de uma interpretação hermenêutica não universal, mas sim, específica para cada momento reflexivo. Cada abordagem atingirá um aspecto, sempre contingente, da subjetividade humana que se exprime vivencialmente e somente pode ser atingida fragmentariamente. Não temos acesso à unidade dessa subjetividade já que ela mesma é percurso, é construção. Ao mesmo tempo, ele reconhece a necessidade de um distanciamento entre a existência concreta e a reflexão que diz essa existência. Para que possamos refletir sobre algo, é necessário um certo distanciar – objetivação - para que o discurso se efetive – subjetividade. Isto implica em dizer que uma ontologia da subjetividade jamais atingirá um saber absoluto. A questão sobre o que é o homem permanecerá como uma questão em aberto devendo ser desdobrada por outras como quem é o sujeito que fala, age, narra, descreve, atesta.

Assim, a reflexão de cunho fenomenológico-hermenêutico não apenas serviu de fundamentação teórica para as nossas dissertações de mestrado como também se mostrou, ela mesma, o percurso metodológico possível e coerente ao nosso trabalho. Nossa proposta de trabalho de campo baseou-se no vivenciar experiências pela interpretação dos textos jornalísticos de Cecília, e a partir de nossas próprias referências, interpretá-las. Nesse primeiro momento metodológico, tais experiências foram a fonte para a elaboração de um texto descritivo, tão minucioso quanto a relação com a linguagem tenha permitido. O segundo momento se constituiu pela análise de tal texto sob a ótica hermenêutica ricoeuriana que considera a experiência singular passível de ser comunicada pelo texto. O que faz com que um texto, singular, possa ser comunicado é o que ele tem de universalizável, ou seja, enquanto manifestação de mundo, é o fato de nos reconhecermos seres historicamente constituídos e inseridos em comunidades estéticas, éticas, políticas, religiosas que garantem o que há de comunicável na nossa relação singular com e no mundo.

3 OLHOS SOBRE ESPELHOS: O SENTIDO E A RESSONÂNCIA DOS DEBATES JORNALÍSTICOS DE CECÍLIA MEIRELES NA DÉCADA DE 1930

“Minhas palavras são a metade de um diálogo obscuro

Continuando através de séculos impossíveis.

Agora compreendo o sentido e a ressonância que também trazes de tão longe em tua voz.

Nossas perguntas e respostas se reconhecem

Como os olhos dentro dos espelhos.”

Cecília Meireles

Diante do espelho onde se fundem imagens, Cecília Meireles parece buscar uma experiência de totalidade, a revelação da imagem de um ser no mundo. O sentido e a ressonância de suas produções poéticas e não-poéticas nos remetem à possibilidade de compreendê-las não como meras representações de reflexos em espelhos, mas sim como um vasto campo de diferentes papéis sociais que emerge da possibilidade refratária de suas ideias.

Essas análises se centram, principalmente, em alguns indícios deixados por Cecília Meireles em suas produções escritas, no período de junho de 1930 a janeiro de 1933, publicados no **Diário de Notícias** do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, na página dedicada à Educação. Mas na perspectiva metodológica pretendida, a ideia é perceber tais indícios enquanto imbricados em um todo que nos mostra as possibilidades interpretativas da pessoa de Cecília. Assim, podemos encontrar a jornalista que colaborou em quase todos os jornais e revistas do Rio de Janeiro, a ativista política que se envolveu no movimento da Escola Nova e assinou o “Manifesto dos Pioneiros da Educação” ao lado de grandes intelectuais da década², além, é claro, da poeta que conquistou o reconhecimento da comunidade acadêmica especializada.

Por ter consciência do campo de possibilidades no qual estava mergulhado, o discurso de Cecília Meireles apresentava temas variados que passavam por discussões de infância, família, escola, política entre outros.

A face política de Cecília foi, sem dúvida, um importante momento de sua trajetória de educadora. Ao atuar como uma das grandes defensoras da liberdade em uma época marcada pela ditadura e repressão do chamado “populismo” de Getúlio Vargas, a escritora mostrou-se como uma pessoa engajada na defesa da

igualdade associada à liberdade.

Com a Revolução de Trinta, eclodiu uma luta de ideais no campo da Educação. A educação pública laica e a co-educação dos sexos estavam no coração do ideário progressista em que Cecília Meireles acreditava. A jornalista-educadora defendia a tese de que uma revolução abriga em seu bojo ideais fortemente marcados pela coragem. Não deixava escapar a seus leitores a importância desse momento para a educação.

Sua arte, tão latente nas poesias, permite a construção de uma cultura pedagógica que sensibiliza o outro. A poeta-educadora deixou a possibilidade de apropriação de seus textos atribuindo-lhes novos significados. Ao ser sensibilizada no sensível, Cecília se vê como um ser no mundo e lida com a percepção dos fenômenos mundanos tanto pela poesia, pela atuação política, como pelas crônicas de educação³.

No fim da vida, Cecília intui que o registro lacunar da memória com seu jogo de espelhos é uma das vias possíveis para o encontro com a própria identidade. Em versos escritos três anos antes de sua morte, disse: "São os espelhos que me revelam: sem eles eu talvez não soubesse de mim" (MEIRELES, 1994, p. 1189)⁴.

Num dos momentos em que busca saber sobre si mesma num outro atua, acaba por buscar defender em sua coluna **Comentários** editada na **Página de Educação** uma visão de criança como território da "linguagem"⁵, como um ser que se estabelece a partir de relações alteritárias. Cecília trazia à tona fatos do cotidiano vivenciados na família, na rua, na escola. Fazia comentários para que as dúvidas e especificidades da infância fossem ouvidas em toda a sua incompletude. Ao utilizar seu discurso jornalístico para lutar por um lugar para a criança nos debates educacionais de 1930, atuando à frente de um espaço jornalístico estrategicamente pensado pelos Pioneiros da Escola Nova⁶, Cecília afirma que:

A infância, afinal de contas, é apenas esta coisa simples; uma etapa da vida humana, com todas as suas derrotas e vitórias. Se a infância, pois, não deve ser diminuída a ponto de parecer um

²Além de Cecília Meireles – que foi uma das três mulheres a participar deste movimento social - assinou o Manifesto: Fernando de Azevedo (responsável pela organização do documento), Anísio Teixeira, Roquette Pinto, Armanda Álvaro Alberto, Noemy Silveira, Lourenço Filho, Edgar Sussekind de Mendonça, Paschoal Lemme, Afrânio Peixoto, Hermes Lima, Nóbrega da Cunha, Venâncio Filho, C. Delgado de Carvalho, Frota Pessoa, Raul Briquet, Sampaio Dória, Atílio Vivacqua, Júlio de Mesquita Filho, Mário Cassanata, A. Almeida Júnior, J.P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Paulo Maranhão, Garcia de Rezende, Raul Gomes. (XAVIER, 2004)

estado subumano, a que se não dá atenção e pelo qual não se tem interesse, também, parece-nos, não deve ser protegida e orientada dentro dos limites tão rigorosamente científicos, tão esquemáticos, que nos deixem uma impressão de frio, convencional artificialismo, ainda que cheio de boas intenções. (MEIRELES, 1930, p. 7)⁷

Em contraponto à concepção de uma criança como ser não autônomo, a educadora defende a concepção de uma infância que pensa e, portanto, precisa ser ouvida e orientada com coerência e confiança. “Quando nos aproximamos do mundo infantil, o primeiro cuidado que devemos ter é o de agir de tal modo, que entre nós e as crianças se estabeleça uma ponte de absoluta confiança, por onde possamos ir até elas, e elas, por sua vez, sejam capazes de vir até nós”. (MEIRELES, 1930, p. 7)⁸. A nosso ver, Cecília busca conhecer as representações da infância, considerando-as concretas e não seres abstratos (KRAMER, 1987); procura, também, localizá-las nas relações sociais, reconhecê-las como produtoras da história.

A jornalista Cecília Meireles enfatiza os perigos que uma visão de imposição de imagens projetadas poderia causar. A respeito das possíveis consequências desse excesso de tirania dos adultos, disse já nos primeiros meses de seu trabalho à frente da Página de Educação:

E sobre essa vida que se concentra em si mesma, preparando-se para desabrochar, cai subitamente um dia a brusca autoridade dos homens já desencantados. Abrem à força os tontos olhos

³Perspectiva defendida por Ricoeur (1988 b) numa interpretação hermenêutica que considera as escolhas e as disposições do humano no mundo como formas de afetação.

⁴Cecília usou a metáfora do espelho provavelmente para apontar que a própria individualidade também é uma interpretação. A função alegórica da linguagem é vista por Ricoeur (1988 a) como expressão de dimensões variáveis. Isto devido aos múltiplos sentidos que lhe podem ser atribuídos.

⁵O significado de “[...] infância em latim é *in-fans*, que significa sem linguagem. No interior da tradição ocidental, não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade. Nesse sentido a criança é focalizada como um ser menor, alguém a ser adestrado, a ser moralizado, a ser educado. Alguém que, na concepção de Santo Agostinho, é pecaminoso, que provém do pecado – pecado da união dos pais – e que em si mesmo deve ser considerado pecaminoso pelos seus desejos libidinosos, pois para Santo Agostinho, a racionalidade, como dom divino, não pertence à criança”. (GALZERANI, 2002, p. 57)

⁶Tanto Cecília como outros signatários atuaram ativamente no processo de divulgação das ideias contidas no Manifesto, de acordo com os estudos de Xavier (2002, p. 24) “O campo de identificação no qual os pioneiros se movimentavam, não era dado apenas pelo projeto educacional que o Manifesto apresentava de forma sistematizada ou das concepções teóricas ali afirmadas. Podemos perceber a configuração desse campo de identificação também pela atuação concreta dos signatários, ou seja, de sua atuação profissional e de seus esforços em prol da organização do campo educacional, de sua interferência direta na administração da instrução pública segundo as reformas por eles implementadas”.

adormecidos em que fluíam as coisas desincorporadas, [...] reduzem a dimensão de todas as imagens queridas; arrancam a todas elas o perfume encantado que as imortalizava. (MEIRELES, 1930, p. 6)⁹

A criança na perspectiva ceciliana precisa deparar-se com a beleza dessa fase da vida, mas precisa, também, de mãos seguras que a orientem de forma coerente. Não pode lhe ser vedado, enquanto criança, a oportunidade de olhar para além daquilo que lhe fora prescrito pelo mundo dominante do adulto. Isto por tratar-se de um ser que produz conhecimentos, seja como pessoa inteira, seja como portadora de singularidades.

A educadora aponta, como um dos principais fatores responsáveis pelo desrespeito à infância, a “[...] incapacidade (dos adultos) de descer ao mundo infantil, de se transfigurar para entender a criança, de se recordar do seu passado pequenino, de tornar a sentir como outrora para saber como funciona a alma das crianças”. (MEIRELES, 1930, p. 7)¹⁰. A preocupação da educadora com a possível irreversibilidade das ações dos adultos nas crianças justificava tal cuidado, presença constante nas crônicas. Cecília achava que, se a infância fosse devastada, seria difícil fazer florir a felicidade.

A nosso ver, as colocações de Cecília sinalizam para a possibilidade de respeito a esse enigma que a infância abriga, numa perspectiva de devir, de novas descobertas, de inquietudes, de relações singulares entre outros.

Os textos de Cecília Meireles possibilitam um repensar acerca da necessidade de superar a visão da criança como um ser passível de homogeneização. Trata-se de um ser que domina suas singularidades. Para tal, acreditamos que a escola precisa se abrir para essa alma infantil, percebendo-a como criança de um lugar, e de um lugar de cultura.

⁷Crônica publicada na Página de Educação do matutino carioca **Diário de Notícias**, na coluna Comentários, sob o título **Nós e as crianças**, em 24 de outubro de 1930.

⁸Crônica publicada na Página de Educação do matutino carioca **Diário de Notícias**, na coluna Comentários, sob o título **Nós e as crianças**, em 24 de outubro de 1930.

⁹Crônica publicada na Página de Educação do matutino carioca **Diário de Notícias**, na coluna Comentários, sob o título **A imaginação deslumbrada**, publicada em 14 de junho de 1930.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FENOMENOLÓGICAS-HERMENÊUTICAS: INDÍCIOS DO DEVIR

Ao fixar os limites desse texto, buscamos trabalhar com o tempo dos reflexos e refrações das ideias de Cecília Meireles manifestas em espaços sociais diversos. Trata-se de minúcias de um tempo que a opção pela metodologia hermenêutica possibilitou a compreensão de uma dialética da ação.

A hermenêutica a que nos referimos deve ser entendida, em seu primeiro momento, como o discurso do ser-aí se exercendo enquanto logos. Ela pretende tratar da esfera ontológica que entende a compreensão como uma maneira de ser e de relacionar-se com os seres e com o ser. Então, em um segundo momento, a hermenêutica tenta efetivar essa compreensão na forma de discurso cuja interpretação e compreensão são ações de mesmo peso e medida. Compreender, portanto, é uma intuição dada pelas vivências, como fenômeno vivido e é, sempre, perspectival, intersubjetiva.

Ao pensar no olhar sensível de Cecília ao movimento impulsionado pela infância na década de 1930, refletimos na possibilidade de que, talvez, ela estivesse vivenciando a experiência de perceber que as crianças precisavam ocupar um lugar especial no cenário familiar e educacional, ser orientadas com coerência e sinceridade. As crônicas apresentam uma reflexão sobre a possibilidade de um lugar para a infância tal qual os que perpassam as discussões da atualidade: a criança como um ser de direitos, cuja cultura deve ser respeitada em sua singularidade.

Assim, após percorrermos esse texto, conceitos como igualdade, liberdade, respeito e amor às palavras apontam possibilidades interpretativas manifestas em uma mesma personalidade, mas que se pôde descortinar nos mais variados campos da vida social, política, artística, de tal modo que podemos perceber diante de nós um mosaico que se nos apresenta como diferentes reflexos em um mesmo espelho; único, singular, sem recortes, sem interrupções, mas feito do mesmo estofa e dos mesmos ideais que nos tornam a todos seres humanos.

¹⁰Crônica publicada na Página de Educação do matutino carioca **Diário de Notícias**, na coluna Comentários, sob o título **O mundo dos adultos**, publicada em 18 de setembro de 1930.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FILHO, Leodegário A. de Azevedo (Org.) **Crônicas de educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Biblioteca Nacional, 2001. 5. v.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de Infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. p. 49 – 68.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. São Paulo: Edições 70, 1986

_____. **A Origem da Geometria**. Trad. de M^a Aparecida Viggiani Bicudo. Rio Claro: Unesp, 1980.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 3. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

LAMEGO, V. **A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LARROSA, Jorge. O enigma da Infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: _____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 183 - 198.

LÔBO, Yolanda. O ofício de ensinar. In: NEVES, Margarida S.; LÔBO, Yolanda L e MIGNOT, Ana Chrystina V. **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2001. p. 63 – 80.

MAGALDI, Ana Maria B. de Mello. Cera a modelar ou riqueza a preservar: A infância nos debates educacionais brasileiros (anos 1920-30). In: GONDRA, José Gonçalves (Org.). **História, Infância e Escolarização**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. p.60 - 80.

MEIRELES, Cecília. Comentários. Página de Educação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, jun./1930 - jan./1933.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Textos Escolhidos**. Traduções e notas de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MIGNOT, Ana Christina Venâncio. Antes da despedida: editando um debate In: NEVES, Margarida S.; LÔBO, Yolanda L e MIGNOT, Ana Chrystina V. **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2001. p. 149 - 171.

RICOEUR, Paul. **A Crítica e a Convicção**. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. **Do texto à ação**. Ensaios de hermenêutica II. Porto (Portugal): Rés-Editora, [19--].

_____. **Interpretação e ideologias**. Tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988b.

_____. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Porto (Portugal): Rés-Editora, 1988a.

_____. **O Si-Mesmo como um Outro**. Campinas: Papyrus, 1991.

SALES, Lea M. Martins. **A negação do mal**: as ideias de infância no imaginário adulto. Um processo de idealização. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – PUC - SP.

XAVIER, Libânea Nacif. **Para além do campo educacional**: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002.